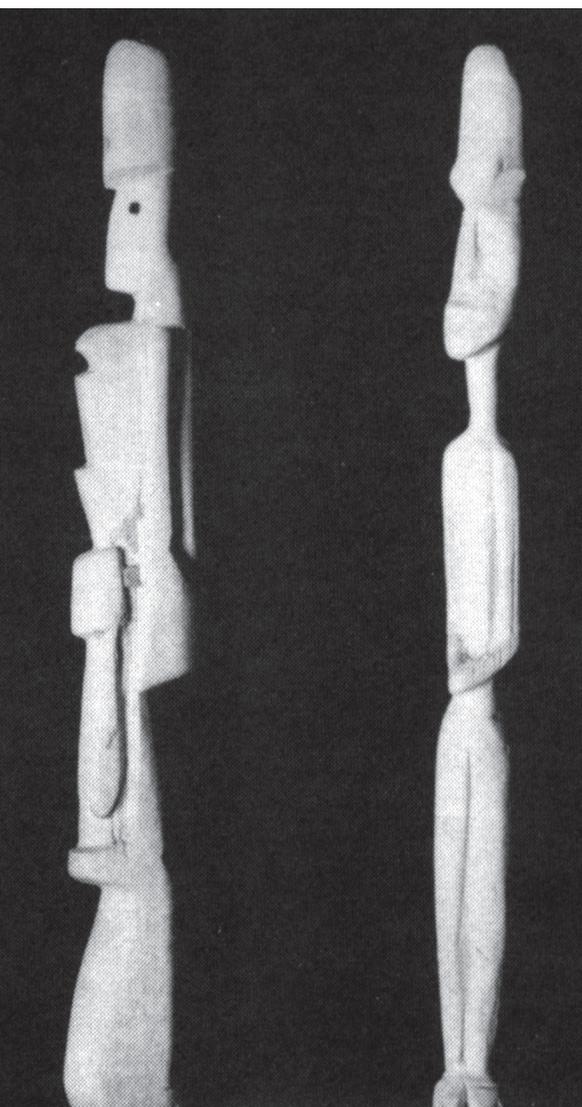


Onirokitsch

Glosa sobre o SURREALISMO

WALTER BENJAMIN



Já não se sonha com a flor azul. Quem hoje desperte como Enrique de Ofterdingen deve ter ficado dormindo. A história dos sonhos ainda está por ser escrita e abrir uma perspectiva nela significaria assestar um golpe decisivo à superstição de seu encadeamento à natureza mediante a iluminação histórica. O sonhar participa da história. A estatística dos sonhos penetrará, além da amenidade da paisagem anedótica, na

Esculturas sem
título de André
Breton

Tradução de MARIA PAULA GURGEL RIBEIRO da tradução e notas para o espanhol feita por RICARDO IBARLUCÍA.

Texto extraído de *Gesammelte Schriften*, ed. aos cuidados de Rolf Tiedemann e Herman Schweppenhäuser, com a colaboração de Theodor W. Adorno e Gershom Scholem (Frankfurt do Meno, Suhrkamp, 1977, II, pp. 620-2). Uma primeira tradução deste texto foi publicada em *Punto de Vista*, nº 47 (Buenos Aires, dezembro de 1993). Agradecemos a Haroldo de Campos suas valiosas e esclarecedoras observações, que permitiram melhorar substancialmente aquela versão.

aridez de um campo de batalha. Os sonhos ordenaram a guerra e a guerra dispôs, desde os tempos primitivos, o justo e o injusto, e inclusive as fronteiras dos sonhos.

O sonho já não abre uma distância azul. Tornou-se cinza. A cinza capa de pó sobre as coisas é o seu melhor componente. Os sonhos são agora um caminho direto à banalidade. De uma vez para sempre, a técnica revoga a imagem externa das coisas, como notas de banco que perderam validade. Agora a mão se agarra a esta imagem uma vez mais no sonho e tateia seus contornos familiares para despedir-se. Ela toma os objetos pelo lugar mais comum. Que não é sempre o mais adequado: as crianças não seguram um copo, metem a mão dentro. E que lado a coisa oferece ao sonho? Qual é o lugar mais comum? É o lado desbotado pelo hábito e adornado baratamente com frases feitas. O lado que a coisa oferece ao sonho é o *kitsch*.

Com estrépido caem no chão as imagens fantásticas das coisas como páginas de um livro de gravuras leporello (1) intitulado *O Sonho*. Ao pé de cada página se encontram as sentenças: “*Ma plus belle maîtresse c’est la paresse*”, “*Une médaille vernie pour le plus grand ennui*”, “*Dans le corridor il y a quelqu’un qui me veut à la mort*” (2). Os surrealistas escreveram tais versos e seus artistas ilustraram o livro gravuras. Paul Éluard chamou de *Répétitions* um envelope em cuja frente Max Ernst desenhou quatro crianças. Estas dão as costas ao leitor, ao professor e à cátedra e olham para fora sobre uma balastrada, onde há um balão no ar. Com sua ponta balança sobre a varanda um lápis gigantesco. A repetição da experiência infantil dá o que pensar: quando éramos crianças, não existia o angustiante protesto contra o mundo dos nossos pais. Nisso nos mostrávamos superiores quando crianças. Com o banal, quando o abraçávamos, abraçávamos o bom, que se encontra, veja, tão perto (3).

Pois a sentimentalidade que nossos pais às vezes destilam é precisamente boa para forjar a imagem mais objetiva da

nossa maneira de sentir. O difuso das suas palavras se contrai para nós de maneira amarga como a bílis em uma crispada enigmática; o ornamento da conversa chega a estar repleto de íntimos entrelaçamentos. Há ali empatia de almas, amor, *kitsch*. “O surrealismo se dedicou a restabelecer o diálogo em sua verdade essencial. Os interlocutores são liberados da obrigação da cortesia. Quem fala não vai deduzir uma tese. Quanto à resposta, ela não repara por princípio no amor próprio daquele que falou. As palavras e as imagens não servem ao espírito do que escuta mais do que um trampolim.”

Bela noção do manifesto surrealista de Breton. Plasma a fórmula do mal-entendido dialógico, quer dizer, do que está vivo no diálogo. Pois “mal-entendido” se chama o ritmo com o qual a única verdadeira realidade abre passagem na conversa. Quanto mais verdadeiramente um homem sabe falar, tanto mais felizmente mal o entendemos.

Em *Une Vague de Rêves* Louis Aragon conta como se propagou em Paris a mania de sonhar. Os jovens acreditavam ter descoberto o segredo da poesia, quando na realidade não faziam outra coisa que aboli-la, ao mesmo tempo que as forças mais intensas da época. Saint-Pol Roux colocava, antes de ir dormir de manhã cedo, um cartaz na sua porta: *Le poète travaille*. Tudo isso para penetrar no coração das coisas obsoletas. Um oculto Guillermo Tell surgindo das entranhas do bosque para poder decifrar os contornos da banalidade como uma imagem anamórfica, ou para responder à pergunta: “Onde está a noiva?”. A anamorfose como esquematismo do trabalho onírico foi descoberta faz tempo pela psicanálise. Com certeza os surrealistas estão menos sobre as impressões da alma do que sobre a das coisas. No matagal da pré-história procuram a árvore totêmica dos objetos. A suprema zombaria dessa árvore totêmica, a última de todas, é o *kitsch*. Este é a última máscara de banalidade que revestimos no sonho e na conversa para reabsorver a energia do extin-

1 Leporello: a disposição, em forma de sanfona, de um livro de gravuras.

2 “Meu amante de grande beleza é a tibieza”, “Uma medalha com polimento para o grande aborrecimento”, “Alguém no corredor me deseja a morte com rancor”.

3 Variante do provérbio: “*Warum in die ferne schwiften, sieh, das Gutte liegts so nah?*” (“Para que perdemos na distância, quando o bom, veja, está tão perto?”).

to mundo das coisas.

O que chamávamos arte só começa a dois metros do corpo. Mas agora, no *kitsch*, o mundo das coisas volta a se aproximar do homem; se deixa agarrar por um punho e afinal conforma em seu interior sua própria figura. O homem novo

tem em si a completa quintessência das velhas formas, e o que com a confrontação com o contexto da segunda metade do século dezenove se configura, semelhante artista dos sonhos como da palavra e a imagem, é um ser que poderia chamar-se “homem mobiliado”.



Fotomontagem criada para a revista *La Révolution Surréaliste* de dezembro de 1929. No centro, pintura de Magritte; ao redor estão, entre outros, Aragon, Breton, Buñuel, Éluard, Magritte, Max Ernst e Salvador Dalí.